Walter Benjamin – *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*
Organização, apresentação e notas de Jeanne-Marie Gagnebin;
tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves.
São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2011.

Fernando Aparecido Poiana[1]

Em carta a Ernst Schoen, de 28 de dezembro de 1917, Walter Benjamin diz que "a dúvida sobre a essência do conhecimento, do direito e da arte é inseparável daquela sobre a origem de cada expressão espiritual humana pela essência da linguagem". Nota-se, a partir dessas palavras, que Benjamin não separa a linguagem da razão, e o desdobramento dessa aproximação, de acordo com Jeanne-Marie Gagnebin, é que, "sem uma reflexão sobre *Sprache*, 'língua' e 'linguagem', (...) não há a possibilidade (...) de pensar a razão e a racionalidade humanas" (p. 10). Sob essa perspectiva, razão e história devem ser pensadas de modo conjunto, já que a apreensão de ambas só pode ser realizada por meio da linguagem. Para Gagnebin, somente a linguagem permite "a invenção da história (humana) e de histórias (ficcionais ou não) (e por isso não seria exagero afirmar que) o tema por excelência da filosofia e da crítica literária em Benjamin seja essa ligação entre história e linguagem" (p. 10). Até porque, como diz a autora no texto de apresentação dessa edição, para Benjamin não há "nenhuma formação de linguagem, obra literária ou filosófica, que não seja trespassada pela história humana verdadeira (e que) não seja objeto de reelaboração e transformação pela linguagem" (p. 10). Dito de outro modo, uma existência que não tivesse nenhuma relação com a linguagem seria incapaz de se tornar fecunda.

A partir disso, pode-se dizer sem medo que o vigor filosófico dos *Escritos sobre mito e linguagem* está precisamente na articulação entre linguagem, arte e história patente nesses textos da juventude de Walter Benjamin. Ensaios como "Dois poemas de Friedrich Hölderlin" (1915) e "O idiota de Dostoiéski" (1917), dedicados ao estudo de obras literárias específicas, e "Sobre a pintura ou Signo e mancha" (1917), ou "Destino e caráter" (1919), o primeiro de visível natureza estética, o segundo de caráter fronteiriço entre literatura e filosofia, demonstram a diversidade de interesses que o jovem Benjamin já possuía e que se consolidaria como uma das características mais marcantes do seu pensamento. Contudo, se

[1] Pós-graduando (*lato sensu*) em Estudos Avançados de Língua Inglesa e Literatura na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, Brasil. E-mail: fernando_poiana@hotmail.com.

é válida a afirmação do caráter fragmentário e multifacetado da filosofia benjaminiana, não menos válida é a afirmação de que todos esses fragmentos, ou "cacos", gravitam em torno do núcleo essencialmente filosófico presente nos ensaios "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem" (1916) e "A tarefa do tradutor" (1921).

Esses dois textos têm o mérito de expor uma faceta metafísica do pensamento benjaminiano, que toma a linguagem como *meio* (*Medium*) de reflexão. Enquanto *Medium*, a linguagem se constitui em matéria, ambiente e modo de comunicação que refuta não só a relação instrumental com vista a um fim exterior mas também a necessidade de mediação que o conceito de *Mittel* – um "meio para determinado fim" – necessariamente implica. Na sua apresentação, Gagnebin aponta para o fato de que, embora "muitas vezes julgada supérflua ou tratada como um erro de juventude, essa dimensão metafísica (do pensamento benjaminiano faz com que) se combinem fundamente (na reflexão desse filósofo) aspectos religiosos, teológicos, estéticos e políticos" (p. 9). A autora ressalta também que essa dimensão metafísica permeia o pensamento de Walter Benjamin e "está presente ainda em seu último escrito, as teses 'Sobre o conceito de história', de 1940" (p. 9). Além do mais, é patente nos *Escritos sobre mito e linguagem* a preocupação de Benjamin com a problemática do mito, que na verdade "parece ser justamente a outra vertente de sua preocupação com a história (e que nas suas reflexões posteriores) só tenderá a crescer, adotando feições mais nítidas e materialistas a partir do fim dos anos vinte" (p. 9). Consequentemente, longe de ser apenas uma crítica de certo momento que a humanidade possa viver ou ter vivido, a crítica do mito em Benjamin é a "crítica de uma concepção de vida e de destino que sempre ameaça, sob formas diversas, as tentativas humanas de agir histórica e livremente" (p. 9).

Ensaios como "Destino e caráter" (1919) e "Para uma crítica da violência" (*"Zur Kritik der Gewalt"*) (1921), por mais especulativos que possam parecer em uma primeira leitura, esboçam, na verdade, a "problemática ao mesmo tempo crítico-hermenêutica e política do 'historiador materialista' (que o Benjamin das teses "Sobre o conceito de história" deixa entrever)" (p. 10). De acordo com as notas de tradução de Ernani Chaves, Benjamin emprega o conceito de *Kritik* em *"Zur Kritik der Gewalt"* no sentido kantiano de "delimitação dos limites". Desse modo, qualquer leitura pacifista desse ensaio é invalidada, haja vista que "Para uma crítica da violência" é antes de mais nada uma tentativa de refletir sobre o "poder-como-violência" do direito e do Estado, em contraposição à "violência-como-poder" da greve revolucionária.

Dentre os sete ensaios reunidos em *Escritos sobre mito e linguagem,* "Dois poemas de Friedrich Hölderlin" (1915) e "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem" (1916) são os que contribuem mais diretamente para o aprofundamento do estudo do conceito benjaminiano de crítica literária, desenvolvido e levado a cabo em livros como *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* e *Ensaios reunidos: escritos sobre Goethe.* Para Benjamin, o crítico deve evidenciar a necessidade de existir da obra de arte, de modo a apreender o seu ideal *a priori*. Esse ideal *a priori*, por sua vez, é para ele a lei fundamental do organismo artístico, que só pode ser redimida pelo reconhecimento de uma unidade estética fundamental entre forma e matéria. Dito de outro maneira, o crítico deve ter consciência de que não há forma separada de teor (*Gehalt*), termo fundamental na reflexão estética benjaminiana porque anula a oposição estéril entre "conteúdo" e "forma".

Nota-se assim que a consciência de que a forma nunca é sem teor surge de um desdobramento da filosofia da linguagem desenvolvida por Benjamin, o que por sua vez atesta a importância da reflexão sobre a linguagem para a reflexão estética benjaminiana. Para ele, "a língua de uma essência espiritual é imediatamente aquilo que nela é comunicável (o que significa que) toda língua se comunica *em* si mesma (e é) no sentido mais puro, o *meio* (*Medium*) da comunicação" (p. 54). É a partir dessa abordagem filosófica da linguagem que Benjamin desenvolve o conceito de "poetificado" ("*das Gedichtete*") no ensaio sobre Hölderlin, para designar justamente a condição *a priori* do poema, ou seja, aquilo que, em certa medida, "preexiste a ele e nele se realiza" (p. 48). Para ele, o "poetificado" revela-se como "passagem da unidade funcional da vida para a do poema (de sorte que no) 'poetificado', a vida se determina através do poema; a tarefa, através da solução" (p. 16).

Dessa maneira, percebe-se que as realizações mais frágeis da arte são precisamente "aquelas que se referem ao sentimento imediato da vida, ao passo que as mais poderosas, de acordo com sua verdade, referem-se a uma esfera aparentada ao mítico (a saber) o 'poetificado' (que por sua vez oferece a possibilidade de) julgar a poesia conforme o grau de coesão e grandeza de seus elementos" (p. 17). O "poetificado" se mostra assim como "a condição do poema, como sua forma interna, como tarefa artística" (p. 17), e compete a ele a comprovação da "intensidade do vínculo entre os elementos intuitivos e intelectuais, e isso, em primeiro lugar, em exemplos singulares". Justamente nessa comprovação, diz ele, "tem de estar evidente que não importam os elementos, mas sim as relações, uma vez que o próprio 'poetificado'é uma esfera da relação entre obra de arte e

vida, cujas unidades em si mesmas não são inteiramente apreensíveis" (p. 17). A distinção decisiva entre o *"das Gedichtete"* benjaminiano e o esquema forma-matéria reside no fato de o primeiro ser capaz de "conservar em si a unidade estética fundamental de forma e matéria e, ao invés de separá-las, (cunhar) sua ligação necessária, imanente, (sendo ele mesmo) construído segundo a lei fundamental do organismo artístico (e que se distingue do poema) enquato conceito-limite, enquanto conceito de princípio" (p. 15).

Os *Escritos sobre mito e linguagem,* quando contrastados com os demais textos de e sobre Walter Benjamin publicados no Brasil até então, abrem espaço para uma percepção bastante privilegiada do modo como a filosofia benjaminiana se constrói a partir da articulação de elementos aparentemente díspares e inconciliáveis, tais como materialismo e messianismo, mito e história, estética e reprodutibilidade técnica.

Os ensaios reunidos nesse volume mostram de maneira bastante sofisticada que, longe de ser contraditória ou meramente especulativa, a articulação de conceitos materialistas com a herança espiritual do messianismo feita por Benjamin, responsável por uma refutação poderosa do historicismo e da crença irrefletida na técnica e no progresso, é atravessada por uma concepção de linguagem como *Medium* no qual sua essência espiritual, e também a essência espiritual das coisas, se comunica. Os ensaios do "jovem" Benjamin que o livro em questão apresenta são, em última análise, textos fundamentais para compreender a organização sistemática de uma filosofia que num primeiro momento ou numa primeira leitura se apresenta elíptica, fragmentária e, por vezes, mesmo caótica.